

DE MENINO A HOMEM: A MÍDIA E A CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES ESPORTIVAS

KNIJNIK, J.D.; MOTA e SILVA, E. ; SOUZA, J. X.; SILVA NETO, A. M.; BERTO, J. E. ; FERREIRA JR, N. S. ; DELFINO, P. C. F. ; SILVA, A. C.; SANTOS, C. V. De menino a homem: a mídia e a construção de masculinidades esportivas. In: *Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte*. Recife, 2007, anais em cd-room

RESUMO

Um dos setores na atualidade que mais fortemente impacta a construção de masculinidades é o esporte. São nos campos esportivos que masculinidades são forjadas, e símbolos são configurados ou destruídos, repercutindo pela mídia uma carga de valores para a sociedade. Assim, foi objetivo deste trabalho avaliar os discursos de programas radiofônicos que discutem o futebol, e como estes constroem concepções de gênero. Foi analisado um programa de rádio da CBN, e se concluiu que os radialistas reforçam estereótipos que se aproximam daquilo que Connell (1995) conceituou como “masculinidade hegemônica”, não permitindo que aflorem novas configurações de masculinidade no mundo futebolístico.

ABSTRACT

FROM BOY TO MEN: THE MEDIA AND THE CONSTRUCTING OF SPORTIVE MASCULINITIES

One sector of our society that is impacting the construction of masculinities is the sport. Those masculinities are beaten in the sportive fields, and symbols are made and the media reverberate all those values to the society. So, the aims of this paper was evaluate the speeches of radio programs which principal subject is the football, and how those programs are constructing gender conceptions. It was analyzed a CBN program, and we concluded that the speakers are intensifying stereotypes linked with Connell (1995) has called “hegemonic masculinity” and they do not allow that news masculinities emerge from the football world.

RESUMEN

DE CHICOS A HOMBRES: LA PRENSA E LA CONSTRUCCION DE LAS MASCULINIDADES ESPORTIVAS

Uno de los sectores que más impacta la construcción de las masculinidades es lo esporte. Son en las plazas esportivas que las masculinidades son forjadas, e adonde símbolos son configurados, e que la prensa repercute una carga de valores para toda la sociedad. El objetivo de este trabajo es evaluar los discursos de programas de radio los cuales hablan sobre fútbol, e de que modo éstos conciben concepciones de genero. Se fue analizado uno programa de radio de la CBN, adonde se concluyo que los hombres de la prensa hacen estereotipos cerca do que Connell (1995) ha denominado “masculinidad matriz”

1 – HOMENS SÃO MARAVILHOSOS?

*Quando eu estava prá nascer/
 Algumas vezes eu ouvia/
 Eu ouvia a mãe dizer/
 Ai meu Deus como eu queria/
 Que este cabra fosse homem/
 Cabra macho prá danar/
 Ah, mamãe aqui estou eu/
 Sou homem com H/
 E como sou!
 (Antonio Barros/Ney Matogrosso)*

Virar um homem tem sido algo complicado na contemporaneidade. Há algumas décadas, tanto as relações sociais de gêneros como os próprios papéis e expectativas sobre estes eram muito bem definidos, e os meninos tinham muita clareza em como ser e estar no mundo para serem considerados, sem sombra de dúvida, bons meninos – assim como os homens, que tinham um rumo relativamente uniforme, visto como adequado para exercer a sua masculinidade. Entretanto, com o avançar do século XX, e, sobretudo após a Revolução¹ Feminina da década de 1960, as mentalidades mudaram e continuam em plena mudança. Desde o final do século XIX, e durante o século XX, os diversos movimentos feministas foram quebrando paradigmas, até que, com a extensa movimentação social dos anos 60, nunca mais as relações sociais entre os

¹ Empregamos aqui o termo “revolução” no sentido que Benevides (2001) utiliza, ou seja, uma forte mudança em estruturas sociais, em um curto período de tempo.

gêneros foram as mesmas... As mulheres foram conquistando diversas posições profissionais e sociais, criando novas formas, jeitos e modelos de ser mulher e lidar com seus elementos femininos, inclusive incorporando nestas formas diversos elementos masculinos que anteriormente lhes eram inacessíveis.

Já os homens... Estes ainda se encontram em profunda crise de identidade, aquilo que muitos apontam como “a crise da masculinidade”, ou mais cruamente, a “derrocada do macho”. Afinal, o que se espera de um homem na contemporaneidade? Ele não pode ser agressivo, nem predador, mas se for muito delicado, as desconfianças e acusações sobre suas supostas perversões sexuais acabam por serem redobradas. Este tipo de suspeição moral se enquadra exatamente naquilo que Knijnik (2006) denominou de “policia do sexo e do gênero”, que seriam pessoas da comunidade dispostas a continuamente fiscalizarem se as normas e condutas sociais não escritas sobre a sexualidade e o gênero estão em conformidade com certas expectativas sociais. Esta vigilância vem recaindo com muito mais peso sobre os homens: se as mulheres acabaram, com muita luta e ainda com dificuldades, por conquistarem espaços em áreas anteriormente muito restritas a elas, como em diversos esportes, para os homens tudo continua muito restrito: meninas lutam, desafiam e terminam por conseguir seu espaço para jogar futebol em escolas; mas os meninos conseguem dançar? Aliás, que menino seria “macho” o suficiente para encampar um movimento reivindicatório pelo direito à dança e às atividades rítmicas? Por outro lado, as mulheres, com muito esforço, participam de modalidades tidas como masculinas (lutas, futebol, handebol, entre outras), mas quais são as notícias sobre homens competindo em ginástica rítmica desportiva, ou em nado sincronizado, para citarmos algumas modalidades cujo ideário é notoriamente associado ao universo feminino?

É exatamente a seara de onde saíram estes exemplos mencionados-isto é, o mundo dos jogos esportivos – a responsável por muitas das mais influentes configurações e reconfigurações de símbolos e representações sociais sobre os gêneros. Os vários esportes, atividades corpóreas por excelência, lançam para a sociedade uma série de imagens, figuras, comportamentos e códigos corporais que acabam por transmitir valores agregados de como ser homem ou mulher na atualidade. E toda esta simbologia e conjunto de valores sobre os gêneros que se instalam e permeiam a vida cotidiana por meio do esporte, acabam por serem

amplificados por todas as mídias da atualidade. Se, conforme Knijnik e Souza (2004, p.195) não podemos afirmar que as mídias são responsáveis diretas pela criação de representações sociais – as quais, para os autores, já existem na sociedade, sendo “(...) frutos dos processos interativos e comunicacionais dos grupos sociais”, ao mesmo tempo devemos considerar, como inclusive fazem os autores, que o próprio *mass media* freqüentemente afunila, dá ou tira o foco, ou mesmo, como propõe Moscovici (1985), dirige o fluxo das representações sociais para uma ou outra determinada direção.

Desta forma, se considerarmos a importância que a mídia tem para o esporte, transmitindo diuturnamente seus espetáculos, suas glórias e façanhas, alçando seus protagonistas a heróis nacionais e internacionais; e ao mesmo tempo, se pensarmos na quantidade de programas e espaços que o esporte ocupa nas diversas mídias, percebemos a importância que é estarmos atentos a esta mídia, procurando sempre estudá-la e destrinchar as representações sociais que os seus atores veiculam incessantemente. Assim, é foco deste trabalho pensar e pesquisar como se dão as configurações de masculinidades nesta mídia, estudando particularmente o caso do discurso radiofônico de jornalistas que trabalham com futebol.

2. OBJETIVOS METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS.

O *objetivo geral* deste trabalho foi estudar os discursos das masculinidades presentes em programas futebolísticos difundidos pelo rádio. *Especificamente*, estudamos o programa “momento do esporte”, veiculado em cadeia nacional todas as tardes de dias úteis, entre 16h45 e 17h00, por uma das grandes rádios do Brasil, a CBN – “a rádio que toca notícia”.

Como se pretendeu aqui analisar os discursos de profissionais da mídia, a *metodologia* eleita para a consecução deste estudo teve um caráter qualitativo, pois as questões que alavancaram este projeto possuem elas próprias natureza qualitativa. Desta maneira, após a escuta, gravação e transcrição de dez dos programas já citados, optou-se neste estudo por se fazer a análise de um deles, o

qual trazia textualmente à tona a questão de nosso interesse particular, que são as masculinidades esportivas.

A partir do levantamento e organização destas transcrições, os *procedimentos adotados* foram vinculados ao campo da análise do discurso (BARDIN, 2002) e também da abordagem hermenêutica (ROMERO, 2004). O encaminhamento da pesquisa teve os seguintes passos:

- a) Leitura flutuante dos textos - como trata Bardin (2002, p.96), esta leitura é aquela em que se deixa “(...) conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações (...) por analogia com a atitude do psicanalista”.
- b) A partir destas primeiras leituras, e utilizando-se do referencial teórico acerca das masculinidades, e ainda empregando –se o aporte metodológico de Bardin (2002), foram elaboradas categorias de conteúdos relacionados aos discursos dos jornalistas, já transcritos, e capazes de dar suporte às inferências pretendidas.
- c) A partir de então, os textos, já no interior de cada categoria, foram estudados por meio *da abordagem hermenêutica*, conforme descrita por Romero (2004), em longa análise do material iconográfico produzido por ocasião dos Jogos Pan-americanos de Santo Domingo (2003). Para a autora, a abordagem hermenêutica, utilizando as várias formas de palavras e textos previamente categorizados, é um processo que consegue trazer os textos à compreensão do leitor para além da mera inteligibilidade. Assim, e partindo da premissa que um texto pode tomar muitas formas e permitir diversas interpretações, a autora procedeu a análise deste material iconográfico, sem, contudo descartar o material escrito. Romero (2004, p. 230) averiguou “(...) as mensagens que estavam recebendo atenção particular, e aquelas que estavam sendo negligenciadas”. Desta forma, a autora conclui que a técnica da abordagem hermenêutica “(...) é particularmente útil quando interpretamos um texto (...) ao qual é dirigida tão valorosa carga de atividade cultural, como o esporte”.(ROMERO, 2004, p. 230).

3. NO DIA 24

*Eu sou homem com H/
E com H sou muito homem/
Se você quer duvidar/
Olhe bem pelo meu nome/
Já tou quase namorando/
Namorando prá casar/
A Maria diz que eu sou/
Sou homem com H/
E como sou.
(Antonio Barros/Ney Matogrosso)*

O programa “momento do esporte”, que como foi dito, é diário, e na verdade é um bloco esportivo no interior de uma programação maior, chamada de “CBN total”, a qual é ancorada pelo jornalista Adalberto Piotto vespertinamente nesta rádio. Assim, no horário já citado, todos os dias, o jornalista interrompe os outros assuntos (política, noticiário policial, artes, *fait divers*, enfim) e faz uma reunião virtual com diversos jornalistas que atuam prioritariamente com esporte, como fora uma daquelas famosas “mesas-redondas” que ocorrem aos domingos à noite na TV. Denominamos a reunião de “virtual” pois oficialmente nela estão presentes jornalistas esportivos de vários estados do país, como Vitor Birner (que comenta jogos e discute futebol em São Paulo), Marcos Guiotti (que faz a cobertura esportiva para a CBN em Belo Horizonte) e Carlos Eduardo Eboli (conhecido comentarista e jornalista esportivo do Rio de Janeiro). Assim, no horário marcado, eles se reúnem para discutir esporte, mas invariavelmente seu assunto é apenas um: futebol.

O tom do programa tem duas marcas registradas: a primeira é a *crítica a técnicos* e cartolas, os primeiros sofrendo julgamentos por suas posturas e escolhas táticas (os jornalistas citados sempre tem uma outra solução para os problemas de algum time, invariavelmente melhores que aquelas que os treinadores adotaram nos dias anteriores), e os segundos sendo achincalhados

em função das políticas errôneas de clubes e entidades esportivas. A segunda marca do programa “momento do esporte” são na verdade as *grandes brincadeiras* que os jornalistas fazem entre si, sempre um tripudiando sobre as opiniões e mesmo a respeito da derrota dos times dos outros; estas “gozações” quase sempre revelam um espírito absolutamente chauvinista e homofóbico, que é o que se pretende revelar e estudar aqui. Exemplo disto são os comentários sobre trejeitos de jogadores que saem um pouco da norma, ou mesmo comemorações nas quais os atletas extravasam muito em seus contatos corporais – todos estes são sempre alvos de críticas pesadas, baseadas em preconceitos que resvalam para a discriminação dos atletas que transgrediram, mesmo que momentaneamente, a norma “oficial”.

Nesta pesquisa, o nosso estudo se atém especificamente ao programa “momento do esporte” do dia *24 de abril de 2007*. Como explicado anteriormente, foram gravados e escutados pelos pesquisadores dez destes programas ao longo de duas semanas; entretanto, para fins de uma análise sobre a questão das masculinidades esportivas, este programa do dia 24²/04 traz muitos exemplos ilustrativos. Neste dia, os jornalistas debatiam e faziam prognósticos sobre o jogo que ocorreria em breve na Inglaterra, entre as equipes do Milan (Itália) e do Manchester (Inglaterra), que iriam disputar a 1^a partida da semifinal de um dos maiores campeonatos de futebol do mundo: a *Champions League*, antigamente denominada Copa dos Campeões da UEFA, que reúne os melhores e maiores clubes europeus, certamente os clubes com maior poderio econômico do futebol mundial. Nestes dias, o mundo do futebol girava em torno deste jogo, e era quase obrigação dos jornalistas falarem dele.

E assim foi. O âncora Piotto abriu o programa cumprimentando a todos e já atirando no ar a primeira pergunta: “Senhores, vocês acham que finalmente o Kaká e o Cristiano Ronaldo irão assumir uma grande partida como homens, ou então irão enfiar a cabeça no meio das pernas, e sumir como meninos?” (os jogadores citados são ídolos e estão entre os melhores atletas do mundo e logicamente de suas equipes, respectivamente a italiana e a inglesa).

² A curiosidade e coincidência do programa ser no dia deste número, é que o 24 é sempre associado, em virtude do popular “jogo do bicho”, ao veado, o qual, por sua vez, é relacionado ao comportamento homossexual masculino, o que de certa forma, tem interfaces com a discussão das masculinidades aqui proposta.

A esta provocação, o jornalista carioca responde: “Sim, eles terão agora a grande chance de provarem que já não são meninos, mas sim que viraram homens, capazes de assumirem as suas responsabilidades e carregarem seus times nas costas”.

Nestas duas frases, as revelações já são surpreendentes: para os jornalistas, existe somente um jeito de ser homem, e os homens têm que mostrar a todo instante este jeito, assumindo responsabilidades, sendo corajosos, e não garotinhos que se escondem atrás de suas pernas, ou de suas mães. Estes discursos mostram que o esporte, notadamente o futebol, é capaz de construir homens, remetendo a uma fala do presidente norte-americano Theodore Roosevelt, no final do século XIX, o qual, preocupado com o “afrouxamento” dos homens americanos, sugeria que somente os esportes agressivos poderiam trazer de volta o verdadeiro espírito de força e camaradagem masculinas (Hult, 1994). Note-se, entretanto, que não é qualquer tipo de homem que o esporte mostra e constrói: tanto há dois séculos como nesta final de futebol do século XXI, o homem que deve aparecer é aquele que foi considerado por Connell (1995) como o representante da masculinidade hegemônica, ou seja, um tipo de homem que pressupõe uma masculinidade que pretende subjugar, por meio de comportamentos e atitudes violentas, todas as outras formas de masculinidade que existam ao seu redor. Terret (2004) por sua vez, propõe que existe uma diversidade de formas de masculinidade, coexistindo simultaneamente, quase sempre de forma hierarquizada, com conflitos latentes ou mesmo reais entre elas, mas sim todas frutos de cenários históricos e sociais, e que demonstram o fato de não existir uma única tampouco universal forma de ser homem na contemporaneidade.

Entretanto, é para lá que os jornalistas querem dirigir o pensamento do ouvinte, sempre empregando exemplos dos jogadores em questão, os craques que deveriam provar, naquele evento fatídico, que já cresceram e assumiram a condição de homens; este estado, segundo os radialistas, possui até uma expressão física manifesta no rosto. Não é outra a idéia que o jornalista paulista, Vitor Birner, aponta quando comenta que “Eu gosto do Cristiano Ronaldo, é um bom jogador, mas ele tem cara de bebê!”. Ao que o outro responde: “Isso mesmo, ele e o Kaká deveriam deixar crescer a barba, fazerem cara de mau”. E Vitor Birner continua na mesma toada: “Eu não agüento quando eles erram e fazem

cara de chorões; só vou confiar em ambos, quando, perdendo ou ganhando, fizerem cara de homens, ficarem parecidos com o Nigel Mansell, ou o Nelson Piquet!”.

Ou seja, para os jornalistas, não basta jogar bem; tampouco, carregar os times nas costas. O bom jogador de futebol, aquele que não é mais menino e sim um verdadeiro homem, estampa em seu rosto esta qualidade. O que vem ao encontro do que Rial (2000), ao estudar lutas e o rúgbi, percebeu: que o esporte para os homens é um *locus* que decididamente mostra a face e o *habitus* masculino, ou ao menos um tipo de *habitus*, isto é, deixa na carne as marcas para o herói, sejam ferimentos que serão mostrados como troféus da batalha, ou mesmo uma “cara” diferente, má, de “verdadeiro homem” como querem os jornalistas do “momento do esporte”.

Loland (1999), estudando corpos de homens atletas, também percebeu que existe, no corpo esportivo masculinizado, uma espécie de modelação em direção ao culturalmente aceito como hegemônico, ou o “verdadeiro homem”, que supera o menino, como querem os radialistas da CBN. E este modelo, para a autora, traduz a bravura, a juventude e a força que se querem ideais, quase uma unanimidade para o corpo masculino no esporte.

4. CONCLUSÕES PRELIMINARES

Este estudo, de caráter preliminar, certamente precisa ser ampliado, por meio de análises de novas gravações, ampliação da amostra, estudos comparativos entre novos programas, e outras propostas procedimentais. Entretanto, mesmo esta pequena amostra sugere e indica algumas direções para a reflexão.

A primeira delas é que os radialistas esportivos, ou ao menos estes participantes do “momento do esporte” da CBN, estão absolutamente presos a normas de gênero limitantes, estereotipadas e preconceituosas, que pretendem restringir os jeitos de ser dos atletas em pleno século XXI, a partir e com suas regras morais do século XIX! E que os seus preconceitos muitas vezes resvalam para a discriminação, pois podem se tornar poderosos meios para dificultar ou impedir a vida de um atleta que não esteja de acordo com o que estes jornalistas

pensam que é um “verdadeiro homem”. E esta discriminação com certeza é amplificada em função do poder de penetração e difusão que o veículo pelo qual eles se comunicam – o rádio – possui, sobretudo no futebol, modalidade em que a transmissão radiofônica permanece muito viva e presente para os amantes e torcedores dela (basta ver o número de torcedores que vai ao estádio, assiste aos jogos, mas com o radinho no ouvido, para acompanhar melhor a partida – ou mesmo aqueles que vêem os jogos na televisão, mas abaixam o som desta e ligam o rádio, pois preferem a narração e a informação deste veículo).

A segunda reflexão, talvez aquela que possa trazer mais efeitos e luzes para a área da Educação Física, é como, a partir destes dados, um educador pode se relacionar com a mídia esportiva na atualidade, e qual o papel da educação física neste contexto. Para nós, é fundamental que o educador tenha claro que ele mesmo deve perceber que possui um forte papel no que tange a ser mediador entre seus alunos e esta mídia – aliás, a parte esportiva da mídia mereceu, recentemente, por parte do professor Jocimar Daolio, a denominação de “pior parte de toda a mídia, aquela mais preconceituosa e desonesta”³.

Ou seja, é preciso primeiro que a educação física, e os cursos de formação, tanto inicial quanto permanente, tenham sempre em seus conteúdos noções e tópicos sobre as questões de gênero, mostrando o quanto estas são importantes para a constituição da identidade pessoal e social de todas as pessoas, e que as atividades próprias da educação física são um elemento central na constituição desta identidade de gênero. E os cursos precisam também, a partir destas reflexões, apresentar para os alunos como a mídia pode repercutir noções e preconceitos, baseados em conceitos individuais e estereotipados de seus membros, que acabam por influenciar as representações de toda uma gama de leitores, ouvintes e telespectadores. Assim, é preciso mostrar a todos atuantes na área de educação física que se deve ter uma relação de eterna vigilância com a mídia, ajudando os alunos a desmistificarem o que é dito e veiculado por jornalistas, mostrando que aquilo não é uma verdade em si, mas que é passível de críticas e novas abordagens.

³ Informação obtida em comentário feito pelo Prof. Dr. Jocimar Daolio na condição de debatedor em mesa-redonda sobre a participação das mulheres no esporte realizada no último mês de março no Sesc/Taubaté (SP)

Isto que este trabalho pretendeu mostrar, mesmo que a partir de sua pequena amostra: que é possível se refletir e criticar o que jornalistas “consagrados” pelo seu meio de alta expressão falam, para que não se congelem as representações sobre o que é ser homem na atualidade, e como se pode representar a masculinidade no esporte de diversas maneiras, e não somente uma que estaria de acordo com uma norma hegemônica, mas nem por isso melhor ou mais correta que as outras.

Que o esporte na atualidade possa ser uma forma de expressão livre e alegre para meninos e homens, sem que o peso de “ser homem com H” lhes tire esta felicidade e liberdade que a atividade esportiva pode proporcionar!

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 2002.

BENEVIDES, M. V. M. *Cidadania e direitos humanos*. Texto revisto de palestra proferida aos alunos do curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo, outubro de 2001.

CONNEL, R.W. Políticas de masculinidade. *Educação & Realidade*, 20 (2), jul-dez/1995, p. 185-206.

HULT, J.S. The story of women’s athletics: manipulating a dream. 1890 - 1985. In: COSTA, M.; GUTHRIE, S., eds. *Women and sport: interdisciplinary perspectives*. Champaign, Human Kinetics, 1994. p.83-106.

KNIJNIK, J.D. *Femininos e masculinos no futebol brasileiro*. Tese (doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 474 págs. 2006.

KNIJNIK, J.D.; SOUZA, J.S.S. In: SIMÕES, A C. & KNIJNIK, J.D. (orgs). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo, Aleph, 2004, p.191-211.

LOLAND, N. W. Some contradictions and tensions in elite sportsmen's attitudes towards their bodies. *International Review for the Sociology of Sport*, 34 (3), 1999, p. 291-302.

MOSCOVICI, S. On social representation. In: FORGAS, J. P. (orgs). *Social cognition*. London, Academic Press, 1985.

RIAL, C. S. M. Rúgbi e judô: esporte e masculinidade. In: Pedro, J.M.; GROSSI, M. P. (orgs). *Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis, Editora Mulheres, 2000, p. 229-58.

ROMERO, E. A (in) visibilidade da mulher atleta no jornalismo esportivo do Rio de Janeiro. In: SIMÕES, A C. & KNIJNIK, J.D. (orgs). *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo, Aleph, 2004, p.213-252.

TERRET, T. Sport et Masculinité: une revue de questions. *Revue Internationale des sciences du sport et de l'éducation physique* (Spécial Activités Physiques et Genre), 66, Automne 2004, p. 209-225.
